

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
Escola de Belas Artes
Mestrado em Artes Visuais – Linha Teórica
Disciplina: Artes Visuais na Bahia
Professor Dr. Luiz Alberto Freire
Mestrando: Walter Mariano

Panorama das Artes Plásticas na Imprensa Baiana entre 1950 e 1970

Salvador – Bahia
2003

A BAHIA PRÉ-MODERNISTA

Embora a cena artística baiana das décadas de 1950 e 1960 já tenha sido alvo de pesquisas anteriores¹, nos parece oportuno, dado a extrema relevância desse período para as artes plásticas na Bahia, voltar a ela através de uma nova abordagem, trabalhando com alguns jornais locais de destaque na época como “A Tarde” e “Diário de Notícias”. Cremos haver uma correspondência entre esse ou qualquer outro momento artístico e o clima sócio-político, econômico e cultural que o envolve, engendra e contextualiza. Acreditamos também que tal clima pode ser particularmente apreendido em sua espontaneidade nas páginas dos jornais.

A década de 1950 se notabilizou na Bahia no âmbito das artes plásticas pela afirmação e fortalecimento, apesar do atraso em relação a São Paulo e Rio de Janeiro, do movimento moderno, que já na década anterior tentava penetrar em um ambiente ainda dominado pelo academicismo:

A falta de desenvolvimento industrial, técnico e científico, são fatores que não permitem, de um lado, o conhecimento instantâneo do que se passa em matéria de criações novas em outros meios e, de outro, para que o modernismo não encontre campo próprio e mentalidade para sua instalação. (FLEXOR, 1994, p. 2)

Na verdade, mais do que má vontade para com os cânones da arte moderna, o que podemos verificar é a inexistência de uma sociedade moderna que pudesse transfigurar-se ou muito menos se reconhecer através de tal imaginário. Com o ensino das artes resumidos ao Liceu de Artes e Ofícios e a Escola de Belas Artes, parâmetros artísticos, já ultrapassados, provenientes de uma longínqua Paris, vinham se impondo até então pelas mãos de artistas como Lopes Rodrigues, Alberto Valença, Presciliano Silva e Mendonça Filho.

Mesmo que tardiamente, a ideologia da modernidade chegou e tomou ares locais. Assim como os modernistas paulistas², alguns artistas baianos buscaram nas raízes populares a fonte de inspiração para sua arte: “Para esse grupo de modernos, a arte popular foi a principal fonte de inspiração, dando origem paralelamente, a outro grupo – primitivos – que procurava envolver seus trabalhos com características exclusivamente populares [...]” (COELHO, 1973, p. 20-21). Ao invés do futurismo e da tecnologização propostos pelo projeto de modernidade

¹ Movimento Moderno na Bahia (COELHO, 1973); A Modernidade na Bahia (FLEXOR, 1994); Mudanças na Vida Cultural de Salvador – 1950-1970 (LUDWIG, 1982).

² Para uma leitura mais atual da Semana de Arte Moderna, realizada em São Paulo em 1922, sugerimos o artigo de Annateresa Fabris, Figuras do Moderno (Possível) (SCHWARTZ, 2002, p. 41-51).



Presciliano Silva
Claustro do Convento de São Francisco
 Óleo sobre tela, 60 X 81 cm, 1924



Carybé
Puxada de Rede
 Vinil s/ papel colado em madeira, 27 X 22,5 cm, 1966

das vanguardas européias, fomos ao encontro do Naif, do artesão. Não que isso significasse pouca coisa, ao contrário, numa sociedade dominada por uma elite agrária, que era e é composta por abismos sociais, o adentramento em salões burgueses do repertório simbólico popular, especialmente de origem afro-brasileira, significou uma ruptura e tanto.

Tôda nossa literatura tôda nossa arte baiana provém daquilo que o povo constrói e cria. Tomemos o exemplo da escultura: nossos mestres escultores, a começar por Mário Cravo, Agnaldo da Silva e Mirabeau Sampaio, são filhos dos santeiros do passado, dos criadores da imaginária baiana como Frei Agostinho da Piedade, e dos fazedores de ídolos para candomblés, dos criadores de orixás, dos anônimos criadores de ex-votos. Não só a temática social os marca, como o sentido do social e do popular. Fazendo da obra de nossos melhores escultores uma alta criação artística situada, porém, na mesma linha de trabalho de centenas de pequenos artesãos, mantendo com esse trabalho inflexível unidade (AMADO, 10 abr. 1965, p. 10).

Hoje em dia, frente à banalização e a exploração econômica que elementos desse universo como a capoeira ou os orixás sofrem, diluídos na indústria do turismo e na cultura de massa, talvez seja difícil equacionar a importância que tiveram esses artistas ao colocarem o foco de seus trabalhos em um campo estético até então desprezado pelo circuito da cultura oficial. Uma empreitada que seguramente foi responsável pelo enorme sucesso de público e de vendas desfrutado por essa geração, um sucesso não atingido pelas gerações seguintes.

Essa primeira geração de artistas modernos locais a conquistar o apreço da crítica e do público baiano era encabeçada por Mário Cravo Júnior, Carlos Bastos, Genaro de Carvalho, Jenner Augusto, Rubem Valentim e, entre outros. Estes artistas não apenas conseguiram romper com o apego ao tradicionalismo vigente nas artes baianas como atravessaram toda a

segunda metade do século vinte em primeiro plano em nosso cenário artístico, inclusive alcançando ainda hoje as maiores cotações no mercado de arte dentre os artistas locais.



Mário Cravo Júnior

Fonte da Rampa do Mercado

Fibra de vidro, 1600 X 1200 X 1200 cm

1970 (foto: autoria desconhecida)



Carlos Bastos

A Procissão

Óleo sobre Papelão, 103 X 75 cm

1947



Rubem Valentim

Composição

Óleo s/tela, 103 X 75 cm

1955

Nos anos sessenta, vemos emergir aquela que é considerada a segunda geração de artistas modernos baianos, integrada por nomes como João José Rescala, Henrique Oswald, Jacyra Oswald, Calazans Neto, Sante Scaldaferrri, Juarez Paraíso, Emanuel Araújo, Yedamaria, Edison da Luz e Lygia Milton, entre outros. Apesar de terem presumivelmente encontrado um caminho já aberto, na realidade tiveram que lidar com velhos e novos obstáculos:

Se a primeira geração de modernos lutou arduamente para conquistar um lugar ao sol, a segunda teve ainda maiores problemas, pois além de lutar contra as tradições academizantes, teve de “enfrentar” os pioneiros da arte moderna que, já estabelecidos, dificultavam a sua penetração no mercado de arte (COELHO, 1973, p. 29).

Paralelamente ao surgimento dessas gerações de artistas, temos como outros marcos importantes do período: a criação do Museu de Arte Moderna da Bahia (MAMB) em 1960, sob direção da arquiteta Lina Bo Bardi e a I e II Bienais Nacionais de Artes Plásticas da Bahia em 1966 e 1968.

Vale a pena ressaltar o importante papel desempenhado por alguns jornais, jornalistas e críticos da época, na defesa ou quase engajamento pela Arte Moderna na Bahia, especialmente o jornal “Diário de Notícias” e seu crítico de arte na década de 1950, José do Prado Valladares.

Aliado a um estilo de vida provinciano, Salvador possuía um pequeno, mas intenso, circuito intelectual que reverberava as discussões culturais então em foco em outros centros culturais. Se partirmos da premissa de que a obra de arte se realiza no diálogo com o espectador, poderemos notar um burburinho audível nas páginas culturais dessa imprensa baiana da época, que era composto principalmente pelas discussões dos intelectuais nas mesas de bar³ e que serviam de pano de fundo para os artistas do período. Esse burburinho foi gradativamente silenciando até os dias de hoje, quando o diálogo virou monólogo.

Na crônica de hoje, o que pretendo dizer é que discordo de Eugênio Gomes em duas coisas. É a primeira delas a importância que me atribui na consolidação da arte moderna perante a opinião pública baiana; na verdade, o que se deu foi uma conjugação de circunstâncias, pois minhas crônicas ficariam no ar se não fossem os artistas que tinham surgido, e nem a crônicas nem a artistas se prestariam atenção se o público já não estivesse consideravelmente predisposto (VALLADARES, 17 junho 1951, p. 5).



Sante Scaldaferrri

O bailado do ex-votos

Encáustica s/tela, 140 X 210 cm, 1983



Calazans Neto

Dois alados

Acrílica s/tela, 100 X 100 cm, 1988

Quem terá perdido o vigor? Os movimentos artísticos ou as rodas de intelectuais? Na dúvida do que vem antes - o ovo ou a galinha - só podemos constatar o óbvio, que uma cidade de milhões de habitantes como Salvador, hoje em dia, em termos de agitação cultural, não chega nem perto dela própria há quarenta anos atrás, quando era então uma cidade de milhares.

Em impressos como Arco e Flexa e Jornal de Ala⁴ (Ala das Letras e das Artes) editados por Carlos Chiacchio nas décadas de 1930 e 1940 ou a Revista Cadernos da Bahia editada até

³ Na ausência de museus e galerias que acolhessem os primeiros modernistas, o bar Anjo Azul tornou-se notório como galeria improvisada desses artistas.

1951, vemos a materialização dessas discussões, que já prepararam o terreno para o surgimento dos modernistas baianos.

Está quase a sair, a edição Caderno da Bahia, o livro em que por sugestão de alguns amigos, reuni parte das crônicas publicadas nesta seção, entre 1948 e 1950. Escolhi as que me pareceram mais representativas como documentação de nosso movimento artístico, e outras, não relacionadas com fatos aqui acontecidos mas que servirão para mostrar como a crônica de arte na Bahia, apesar de provinciana, pode estar razoavelmente informada acerca do que se passa nos grandes centros (VALLADARES, 17 junho 1951, p. 5).

A DÉCADA DE 1950

Podemos observar que os jornais desse período ainda eram publicados com um número bastante reduzido de páginas, oito a doze, em preto e branco, reservando para o sábado ou o domingo um espaço maior para matérias de âmbito cultural e artístico.



“A Tarde”. Salvador. 11 jun. 1955, p. 6. Biblioteca Pública do Estado da Bahia.

Mas seria interessante assinalar que o pouco espaço não implicava necessariamente em pouca qualidade, ao contrário, a pesquisa desses jornais comprovou nossa suposição de que um momento tão feliz das artes plásticas baianas, era acompanhado ou até mesmo influenciado pelo debate intelectual de alto nível, encontrado então no “Diário de Notícias”:

Uma conversa casual com meu amigo Flávio D’Aquino permitiu-me verificar que está surgindo entre nós, o mesmo interesse por certas teorias de história das artes plásticas que também se manifesta, cada vez mais, nas revistas especializadas em língua inglesa. As teorias de Woelfflin e Worringer, já parecem bastante divulgadas; menos porém, as outras – mas o espaço só permite breve notícia de que há de mais importante nesse novo ramo de estudos. Contudo, será preciso situa-los dentro da evolução histórica do próprio pensamento crítico (CARPEAUX, 27 maio 1951, p. 5).

⁴ Em 1937, tem início os Salões de Ala – Ala das Letras e das Artes concebidos por Carlos Chiacchio, Presciliano Silva e Mendonça Filho, entre outros, que dura até 1947 e já traz em si a influência da Semana Moderna de 22.

O mesmo não poderíamos dizer do jornal “A Tarde”, que se mostrava culturalmente provinciano, fabricando uma mistura de suplemento cultural com coluna social. Vicejavam poemas de inspiração duvidosa, juntamente com “críticas afetuosas” sobre artistas e exposições. Infelizmente essas críticas de compadres ainda são absolutamente freqüentes, revelando a perspectiva pouco profissional com que a sociedade baiana encara o setor artístico-cultural, muitas vezes obrigando alguns de seus melhores artistas a emigrarem para outros centros.

O Professor João Jose Rescala pode verificar a extensão das suas relações nos meios artísticos e na sociedade, estabelecidas nestes quatro anos de permanência entre nós, através da concorrência a inauguração de sua individual, na Galeria Oxumaré, anteontem à noite. O comparecimento, a inauguração, de tantos artistas e figuras de relevo nos vários setores, foi uma demonstração da estima que cerca, nesta sua nova terra, o notável pintor compatriótico cujas qualidades pessoais, de modéstia honestidade profissional e educação o fizeram querido e admirado, no circulo dos colegas como entre os estudantes e ainda na comunidade bahiana dos amigos da arte (Os Quadros do Prof. Rescala, 18 maio 1955, p. 6).



“A Tarde”. Salvador. 18 maio 1955, p. 6. Biblioteca Pública do Estado da Bahia.

O “Diário de Notícias” fazia parte do conglomerado de empresas de comunicação “Diários Associados”, controlado pelo empresário e jornalista Assis Chateaubriand. Como ramificação baiana de uma cadeia nacional de jornais, percebe-se por exemplo um projeto gráfico melhor desenvolvido e a presença de articulistas de renome nacional que escreviam

para os jornais do grupo, contrastando com os jornais exclusivamente locais, como “A Tarde”, menos elaborados, que apresentavam inclusive muitos erros de revisão. O “Diário de Notícias” possuía na época, em seu espaço dedicado à área cultural, duas páginas na edição do domingo, uma mistura de temas ligados à literatura, artes visuais e arquitetura. Encontramos artigos sofisticados escritos por intelectuais nacionalmente famosos como Otto Maria Carpeaux, Gilberto Freyre, Jorge de Lima, Adonias Filho e Paulo Ronai, juntamente com notas e imagens da produção de artistas locais como , Jenner Augusto e Mário Cravo Jr., além da coluna também local, de José Valladares, intitulada: Artes Plásticas. A presença de artistas e críticos locais, demonstrava que havia uma sintonia ou pelo menos um conhecimento por parte deles dos questionamentos estéticos que estavam em voga:

RECIFE, maio – mais um livro acaba de juntar-se à bibliografia da arquitetura moderna, A Storia Dell’Architettura Moderna, de Bruno Zevi, volume de quase 800 páginas, “finito di stampare” em dezembro de 1950, para a Editora Einaudi, cuja importância é bem conhecida dos que acompanham o movimento contemporâneo editorial italiano (UMA NOVA HISTORIA DA ARQUITETURA MODERNA, 27 maio 1951, p. 5).

“Diário de Notícias”, domingo, 6 de maio de 1951, 12 páginas, preço: um cruzeiro. Algumas das notícias da primeira página davam conta de um cenário internacional não muito diferente dos dias atuais:

Novas hostilidades irromperam ao longo da fronteira entre Israel a Síria, depois dos dois países terem combinados ontem a suspensão do fogo. (A LUTA SÍRIO-JUDAICA – VOLTAM A HOSTILIZAR-SE, 6 maio 1951, p. 1) ou então: Marujos iranianos montam guarda a um dos portões da gigantesca refinaria da “Anglo-Iranian Oil”, em Abadan. Esta é uma das propriedades britânicas a serem encampadas pelo governo iraniano, sob o programa de nacionalização do petróleo. A Grã-Bretanha advertiu oficialmente o Iran de que “as mais sérias conseqüências” podem advir da recusa de negociar um novo acordo na questão do petróleo (AQUI PODE COMEÇAR A TERCEIRA GUERRA MUNDIAL, 27 maio 1951, p.1).

Nesta edição, vamos encontrar no suplemento cultural do jornal, estudos fotográficos de Leão Rosenberg sobre Mário Cravo Jr e Jenner Augusto. Otto Maria Carpeaux analisa a obra do escritor Thomas Wolfe e Gilberto Freyre escreve sobre o lançamento da segunda edição de seu “Sobrados e Mocambos”. Já Gilberto Ferraz, em artigo intitulado *Do Museu Imaginário de Malraux ao Museu de Arte de São Paulo*, compara a atuação do MASP com propostas de André Malraux, numa linguagem e argumentação próximas da complexidade de um texto acadêmico, enquanto Tasso da Silveira tece a partir do livro de Marcel Brion, “A Ressureição das Cidades Mortas”, uma discussão entre *arte engajada* e *arte gratuita*:

A razão está em que a obra de arte, ser vivo à sua maneira, está sujeita a um processo genético específico, a exemplo de todos os seres vivos. Tudo o que interrompa ou perturbe o processo genético aludido fará abortar a obra de arte, ou pelo menos fará com que nasça desprovida de vitalidade duradoura. Ora, o processo genético específico da obra de arte consiste em que o artista se deixe mover no seu incontível impulso de produzir-se em formas significativas por uma qualquer vivência inelutável: infinita nostalgia de Deus, tédio negro de existir, amor desconsolado, trágico anelo, deslumbramento e alegria, melancolia e esperança (SILVEIRA, 6 maio 1951, p. 5).

“Diário de Notícias”, 27 de maio de 1951, em sua coluna, José Valladares comenta o lançamento de um dos livros de Dom Clemente da Silva-Nigra, monge beneditino, diretor do Museu de Arte Sacra e um dos primeiros estudiosos da Imaginária Baiana:

O aparecimento do trabalho sobre Frei Ricardo assinala, pelo menos assim cremos, o início de uma nova fase da história da Arte no Brasil. Não é tanto o caso do método de trabalho, que não difere, na seriedade, de muitos artigos publicados na revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, inclusive por ele próprio. No livro recém-aparecido de Silva-Nigra, a novidade está na sua apresentação gráfica e correlação das ilustrações com o texto, texto e ilustrações formando um conjunto indissolúvel, como convém a uma obra sobre história da arte (VALLADARES, 27 maio 1951, p. 5).

A DÉCADA DE 1960

Em 1959, morre o crítico José Valladares, privado então infelizmente de acompanhar o lançamento do Museu de Arte Moderna da Bahia (MAMB). O evento recebeu nada menos que vinte páginas na cobertura feita pelo “Diário de Notícias”, entre reportagens e parabenizações. Explica-se, Assis Chateaubriand, dono do jornal, também era integrante do Conselho Diretor do museu.

Essa foi uma década efervescente, com a inauguração do Museu de Arte Moderna da Bahia e as realizações das Bienais de 1966 e 1968. Foi também uma década de grande turbulência política, culminando com o golpe militar de 1964 e o progressivo clima de repressão à liberdade de expressão, trazendo conseqüências funestas para a sociedade brasileira.

No campo das realizações artísticas propriamente ditas, a maior foi a inauguração do MAMB aos primeiros dias do ano. Iniciou as atividades com as pinturas de Antônio Bandeira, algumas obras do acervo e as deliciosas bailarinas de Degas muito mal colocadas, porém enfim presentes. Durante o ano o museu atuou principalmente como galeria de arte, apresentando em fevereiro Tanaka, sino-brasileiro que vive em Paris, “gouache” do

fenomenal Manabu⁵, e óleos de outro japonês, Tsutaka, com uma aula pública de como escrever em japonês. Depois vieram os impressionistas, Renoir, Cézanne e Van Gogh (7 DIAS DAS ARTES PLÁSTICAS, 27 dez. 1960, p. 4).

Com o movimento moderno já estabelecido, alguns artistas dessa primeira geração, especialmente Mário Cravo Júnior, Caribé e Carlos Bastos, dispunham agora de grande prestígio junto à crítica e ao público. Tomaram assento em tronos de onde nunca mais saíram e se transformaram em figurinhas carimbadas das páginas dos jornais.



“Diário de Notícias”, Salvador. 14 jul. 1963, p. 1. Biblioteca Pública do Estado da Bahia.

Com a progressiva “industrialização da baianidade”, que segue até os dias de hoje, esses artistas que então traduziam visualmente a Bahia das obras de Jorge Amado, passaram a ser seus “artistas oficiais”. Em uma sociedade pouco habituada à aquisição de obras de arte, as encomendas oficiais do poder público desempenham papel de extrema importância. A vida dos artistas não-oficiais, por isso, acaba sendo muito dura... Parte do sucesso longo dos primeiros modernos baianos, deve-se ao fato de terem conseguido criar uma arte que foge da academia, o suficiente para interessar a crítica, mas que permanece próxima o bastante, para agradar aos mandachuvas locais.

A Galeria de Arte Manoel Querino, no Edifício Veirik (Av. Sete, 137, Loja 4) deverá inaugurar-se em grande estilo por todo o próximo mês de julho, abrindo as suas portas já com trabalhos de envergadura de alguns dos melhores artistas plásticos baianos, entre os quais:

⁵ Manabu Mabe, pintor paulista de ascendência japonesa, que então despontava com enorme sucesso.

Caribé, Mário Cravo, Calazans Neto, Carlos Bastos, João Alves (“Diário de Notícias”, 2 jul. 1962, p. 4).

O “Diário de Notícias” transformara seu suplemento cultural da década passada em um dos cadernos da sua edição de domingo, com seis páginas, chamado SDN – Artes e Letras, com a primeira e última páginas impressas em duas cores – preto e verde, buscando uma diagramação arrojada para a época. Sua vinheta, por exemplo, assumia as mais variadas formas de apresentação.



“Diário de Notícias”, Salvador. década de 1960. Biblioteca Pública do Estado da Bahia.

O comprometimento do SDN com as vanguardas estéticas não se resumia ao seu projeto gráfico, artigos de páginas inteiras abordavam temas como as Bienais de São Paulo, a Nouvelle Vague⁶ francesa ou o Cinema Novo, aliás, Glauber Rocha foi um dos editores deste caderno, que provavelmente representa o ápice da imprensa cultural no jornalismo baiano, seguindo lado a lado com um dos momentos igualmente mais fecundos das artes na Bahia.

Nenhuma outra iniciativa de empenho cultural conseguiu imprimir tanto de interesse e de influencia sobre a imaturidade brasileira quanto as bienais paulistas. O primeiro critério de

⁶ A Nouvelle Vague francesa e o Cinema Novo brasileiro foram movimentos que buscaram desenvolver uma linguagem cinematográfica intelectualizada e reflexiva, distanciada do cinema de entretenimento.

apreciação neste ensaio é o da significação histórica, em relação à formação e ao episódio brasileiro. Submetendo a experiência da bienal paulista, desde a primeira de 1951 até a mais recente, a desta data, a simples consideração de sua importância como situação histórica, logo se perceberá que a ela cabe o ponto mais alto como iniciativa mobilizadora da curiosidade, da participação e da crítica traduzindo-se no resultado mais nítido de exercício de influência de orientação e de formação de novos padrões (VALLADARES, 15 março 1964).

É oportuno lembrar que Assis Chateaubriand tinha um interesse sincero nas artes plásticas, sendo por exemplo o grande mecenas do Masp em São Paulo. Ainda assim, surpreende o espaço que seu jornal dedicava ao tema. Com frequência apareciam fotos e notícias de exposições, na primeira página ou no miolo, independentes do caderno cultural, revelando o status que arte e artistas desfrutavam.



“Diário de Notícias”, Salvador. 2 jul. 1962. SDN, p. 6. Biblioteca Pública do Estado da Bahia.

O SDN não abria brecha para a arte comercial ou de entretenimento, ignoravam as produções de Hollywood e teciam duras críticas a televisão. O tom do discurso era de um tal radicalismo, que hoje soa até ingênuo:

Os jovens artistas de hoje, sensibilizados e traumatizados com o drama das camadas sofredoras, porem com uma visão universal do problema, insurgem-se contra a interpretação burguesa da água-de-flor colorida, a transformação da nossa chagas mais antigas, como "ALAGADOS" em pílulas cor-de-rosa. (PARAÍSO, 24 março 1968)

Em “A Tarde” de 27 de dezembro de 1960, uma terça-feira, encontramos o Brasil com um presidente recém-eleito, Jânio Quadros, e uma imprensa preocupada com a ameaça “subversiva”, como atesta a manchete de primeira página em letras garrafais: “Agentes Estrangeiros Fomentam Greves na América”. Enquanto isso, a Bahia aguardava ansiosa o

lançamento local do Repórter Esso - então um campeão de audiência da televisão brasileira - pela TV Itapoan, único canal aqui existente, que ficava no ar entre 16h30 e 23h30.

Programação de hoje da TV-Itapoan

17:00	Jespero de Albi- schtein
18:00	Padrão e Abertira
18:05	Filmes Variados
18:25	Desenho Animado
18:35	A Escola Para o Show
18:55	Tele-Reportagem (Sarcasmo)
19:25	Tele-Aberto Mídias e Etno
20:00	O Meu Repórter Esso
20:20	Musical King
20:40	Robert Taylor De- tecto
21:15	Balada Nova "E"
21:45	Balada da Sorte
22:15	Tele-Jornal
22:30	A Verdade Política
23:05	Amor E a Democracia
23:30	Encerramento

“A Tarde”, Salvador. 10 abr. 1965, p. 5. Biblioteca Pública do Estado da Bahia.

“A Tarde”, sábado, 10 de abril de 1965, suas edições do fim de semana possuíam o dobro de páginas e apresentavam muitas ilustrações, praticamente ausentes nas edições do meio da semana. O jornal ficava bem aquém da sofisticação intelectual do “Diário de Notícias”, transparecendo em suas páginas, tal como hoje, uma posição de conveniente neutralidade frente às questões na ordem do dia. Essa atitude, que pode ser interpretada como um “não mexam comigo, que eu não mexo com vocês”, talvez tenha lhe garantido sua longa vida, mas também o tem mantido em um terreno de indisfarçável mediocridade.

Encontramos agora um Brasil já mergulhado na ditadura implantada pelo golpe militar de 64, que se revela em notas dispersas aqui e acolá: “Agentes do Departamento Federal de Segurança Pública seguiram para Maceió, a fim de colaborar com a polícia de Alagoas na solução do atentado que culminou com a morte do secretário de Estado, Sr. Luís Augusto Castro Silva. Outros agentes seguirão hoje, em avião especial” (A Tarde, 10 abr. 1965, p. 23). Paralelamente a este cenário político nada amistoso, Salvador absorvia-se tal como agora com os filmes de Hollywood:

As proezas de James Bond no Liceu continuam sendo a coqueluche da cidade. Essa terceira semana foi igual à primeira, em bilheteria e vai a uma quarta. Só não digo que o sucesso será ainda maior na Semana Santa por que o nosso chefe de revisão, Prof. Sebastião Valença, diz que o sucesso é sinônimo de “parto” e não de “êxito”. Foi a maior bilheteria de todos os

tempos na Bahia, até agora e continuará levando multidões ao Liceu (A TARDE, 10 abr. 1965, p. 15).

Nesta mesma edição, Jorge Amado escreve sobre uma exposição organizada pelo Instituto Cultural Brasil-Alemanha (ICBA), que, já naquela época, desempenhava papel de destaque na vida cultural da cidade e que, através dessa exposição, colocava em foco a geração de artistas modernos. Grande parte deles, inclusive, amigos fraternos de Amado e ilustradores de seus livros. Ele também sinaliza o fator que une essa geração de artistas entre si e a ele incluso: a conexão com as raízes populares.

No “A Tarde” de 5 de janeiro de 1967, uma quinta feira, não encontramos na sua primeira página nenhuma notícia ou nota de destaque sobre tema local. Podemos observar que, algumas vezes, a cena cultural era abordada de forma um pouco amadora, como mostra a coluna de cinema de José Augusto Berbet de Castro, onde reproduz a “crítica” do filme Doutor Jivago feita por dois amigos seus, médicos, já que ele próprio declara que ainda não tinha tido tempo de assistir ao filme, então em cartaz.

Além de alguns desses cacoetes da imprensa baiana, que ainda permanecem, conferimos também que algumas discussões pairam imutáveis sobre as rodas de intelectuais. Em artigo especial, Pedro Calmon discorre sobre a potência do país, ainda deitado em berço esplêndido:

De um americano ouvíamos ontem a declaração admirada – de que o Brasil a largos passos se transforma numa potência econômica, que poderá abastecer os mercados vizinhos e (o que é preferível) tirar de seus próprios recursos uma civilização capaz de rivalizar com as primeiras do globo (CALMON, 5 jan 1967, p. 4).

A I Bienal Nacional de Artes Plásticas, acontecida em 1966, serviu de vitrine para a segunda geração de artistas modernos, despertou polêmicas apaixonadas, tentou romper com a temática regional, caminhando principalmente em direção ao abstracionismo, movimentou enfim, ruidosamente, o circuito artístico na cidade. É talvez nesse rompimento com o regional que os artistas locais comecem a criar um distanciamento com o seu público. Narcisista ao extremo, e alimentada pela atenção vinda de fora, a Bahia mantém permanentemente seu foco de interesse voltado ao próprio umbigo. A I Bienal também levantou problemas surgidos com as propostas de vanguarda que batiam de frente com as classificações estipuladas pela comissão organizadora:

Há uma certa dificuldade hoje, de se situar uma peça, tudo parece adquirir uma nova dimensão; pinturas que se projetam no espaço assumindo ares de escultura; esculturas e modelos pintados e se confundem com pinturas e toda a sorte de objetos e não objetos, de combate e de protesto. Como classificar os trabalhos de Hélio Oiticica, de Ivan Serpa, de

Rubens Guerschman, e Waldemar Cordeiro, Walter Smetak, de Lourdes Cedram e mesmo Franz Kracjberg, dentro dos limites rígidos da Pintura, Escultura, Gravura e Desenho? O júri confrontado com a necessidade de atribuir prêmios clássicos a trabalhos que cada vez fogem dos moldes convencionais, vê-se obrigado a formar novas categorias de prêmios melhor adaptados (BORJA, 5 jan 1967, p.5).

Em 1968, o progressivo endurecimento da ditadura militar já havia desarticulado parte da sofisticação intelectual a que antes nos referíamos. As longas matérias sobre cinema europeu e brasileiro que eram comuns, por exemplo, no caderno cultural do “Diário de Notícias”, eram agora progressivamente substituídas por notas levianas de astros de Hollywood ou editoriais provincianos de moda. Este mesmo caderno, que antes havia tecido críticas mordazes sobre a televisão, agora cedia páginas inteiras para matérias e entrevistas imbecis com generais e coronéis. Estava, enfim, em franco processo de construção, a idiotização que ainda vigora, salvo raras exceções, na mídia baiana.

Linha-dura é um estado de espírito. É a linha correta e coerente de conduta. Nela se resume um antagonismo medular a corrupção e a subversão. Não gostamos de ladrões nem de subversivos. Esse estado de espírito é o mais válido, consciente e patriótico sentimento nacionalista. E onde nacionalismo autêntico é crime? (UM CORONEL DOS DUROS, OSNELLI MARTINELLI, 24 mar. 1968).

A II Bienal Nacional de Artes Plásticas transcorre em 1968, imersa em problemas de naturezas diversas, refletindo os diferentes interesses que existem nos bastidores do circuito de arte. Criam a Pré-Bienal de São Paulo na tentativa de eclipsar a Bienal baiana e favorecer a hegemonia das Bienais paulistas. Artistas locais já consagrados rompem publicamente com a Bienal, criticando os novos rumos estéticos que emergem junto a ela e que portanto colocam em xeque suas respectivas “reservas de mercado”. Junte-se a esse quadro, sérios problemas administrativos e um ambiente político insalubre e teremos então o retrato dos impasses que surgiram frente ao desafio de se criar um evento de vanguarda em uma cidade ainda provinciana. A II Bienal se esvazia e, junto com ela, o movimento artístico local:

A Bienal é extinta. Isto permite a proliferação de galerias de artes comerciais de obras *tipicamente baianas*. A Bahia sai do circuito nacional de artes plásticas e interrompe o diálogo com os centros culturais. Os próprios artistas diminuem sua participação em eventos fora do estado.

...Em dezembro de 1968 encerra-se um ciclo cultural da Bahia sem precedentes. No dia 13, sexta-feira, é promulgado o AI-5 que, por mais de dez anos cassa os direitos de cidadania brasileira e, parece, o direito de criar dos artistas (FLEXOR, 1994, p.59-60).



“Diário de Notícias”, Salvador. 26 jan. 1964. SDN, p. 6 e 4. Biblioteca Pública do Estado da Bahia.



“Diário de Notícias”, Salvador. 3 mar. 1968. SDN, p. 4 e 5. Biblioteca Pública do Estado da Bahia.

Com o AI-5, a Bahia, que possuía então os expoentes do tropicalismo, assiste no encerramento dos anos sessenta, arte e imprensa silenciarem frente à ditadura militar. A juventude brasileira, impedida de exercer uma crítica contundente às mazelas do país,

encontra na transgressão social a via de expressão para o seu descontentamento com a realidade nacional.

A maneira dos “beatniks” ingleses, franceses e suecos, os cabeludos mineiros exibiam roupas extravagantes e, no intervalo das cantorias, comiam pão seco, com coca-cola quente. Embora negando cunho político à reunião, os participantes disseram que a concentração era de protesto contra o “estado geral das coisas, a fome, a falta de dinheiro e a perseguição da polícia aos cabeludos” (PROTESTO DOS CABELUDOS, jan. 1967, p. 8).



“Diário de Notícias”, Salvador. 24 mar. 1968. SDN, p. 6. Biblioteca Pública do Estado da Bahia.

Desse caldo cultural das décadas de 1950 e 1960, saíram não apenas os grandes artistas plásticos da arte moderna baiana, assim como nomes como João Gilberto e sua concepção da Bossa Nova, o próprio Glauber Rocha com o Cinema Novo e por fim Caetano Veloso e Gilberto Gil com o Tropicalismo. Infelizmente, parte dessas propostas estéticas que se mostraram das mais importantes e influentes da segunda metade do século vinte no Brasil, acabaram emigrando junto com seus criadores para o sul do país. Esse fenômeno só foi interrompido muito recentemente, com a ascensão da Axé Music baiana no cenário musical, quando seus principais artistas, possuidores de fama nacional, optaram por continuar morando em Salvador.

Desarticulado pela ditadura militar, não apenas o circuito de arte local viu o seu ciclo de maior efervescência criativa ser brutalmente interrompido, como a própria sociedade baiana regrediu a um infantilismo cultural do qual ainda não se recuperou, como bem atestam as páginas dos jornais locais publicados hoje em dia.



“Diário de Notícias”, Salvador. 24 mar. 1968. SDN. Biblioteca Pública do Estado da Bahia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- A LUTA SÍRIO-JUDAICA – VOLTAM A HOSTILIZAR-SE, *Diário de Notícias*, Salvador, 6 maio 1951. p.1.
- AMADO, Jorge. **Exposição no ICBA**, *A Tarde*, Salvador, 10 abr. 1965. p. 10.
- AQUI PODE COMEÇAR A TERCEIRA GUERRA MUNDIAL. *Diário de Notícias*, Salvador, 27 maio 1951. p.1.
- A TARDE. Salvador, 10 abr. 1965. p. 15.
- BORJA, Lídia. Artes Plásticas. *A Tarde*, Salvador, 5 jan. 1967. p. 5.
- CALMON, Jorge. *A Tarde*, Salvador, 5 jan. 1967. p. 4.
- CARPEAUX, Otto Maria. **Interpretações Das Artes Plásticas**. *Diário de Notícias*, Salvador, 27 maio 1951. p. 5.
- COELHO, Ceres Pisani Santos. **Movimento Moderno na Bahia**. Tese (Concurso para Professor Assistente) – Departamento I da EBA/UFBA, Salvador, 1973. 223 p. il. (Monografia apresentada ao concurso 1º Salão do Museu de Arte Moderna da Bahia).
- DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Salvador, 2 jul. 1962. SDN Artes e Letras, p. 4.
- FLEXOR, Maria Helena Ochi. **A Modernidade na Bahia**. Salvador, 1994. 113p. (Monografia apresentada ao concurso 1º Salão do Museu de Arte Moderna da Bahia).
- LUDWIG, Selma Costa. **Mudanças na vida cultural de Salvador – 1950-1970**. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1982, 169 p. (Dissertação de Mestrado).
- OS QUADROS DO PROF. RESCALA. *Tarde*, Salvador, 18 maio 1955. p. 6.
- PARÁISO, Juarez. **I – A Vanguarda em Questão**. *Diário de Notícias*, Salvador, 24 mar. 1968. SDN Artes e Letras, p. 2.
- PROTESTO DOS CABELUDOS. *Tarde*, Salvador, 5 jan. 1967. p. 8.
- SCHWARTZ, Jorge (org). **Da Antropologia a Brasília: 1920-1950**. São Paulo: FAAP – Cosac & Naif, 2002. 637 p. il.
- 7 DIAS DAS ARTES PLÁSTICAS. *A Tarde*, Salvador, 27 dez. 1960.
- SILVEIRA, Tasso. **Arte Gratuita**. *Diário de Notícias*, Salvador, 6 maio 1951. p.5.

UM CORONEL DOS DUROS, OSNELLI MARTINELLI. *Diário de Notícias*, Salvador, 24 mar. 1968. SDN Artes e Letras, p. 6.

UMA NOVA HISTORIA DA ARQUITETURA MODERNA. *Diário de Notícias*, Salvador, 27 maio 1951., p. 5.

VALLADARES, Clarival. **A Danação da Figura ou Crônica da Bienal**. *Diário de Notícias*, Salvador, 15 mar. 1964. SDN Artes e Letras, p. 1.

VALLADARES, José. Artes Plásticas. *Diário de Notícias*, Salvador, 27 maio 1951. p. 5.

_____. Artes Plásticas. *Diário de Notícias*, Salvador, 17 jun. 1951. p. 5.